



INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

ISCED - Huíla

ANÁLISE FILOSÓFICA DA ARTE AFRICANA COMO FUNÇÃO SOCIAL: UM ESTUDO REALIZADO JUNTO DOS ALUNOS DA 12ª CLASSE DO LICEU Nº 257 (IDA) ESCOLA ANEXA AO LICEU DA ARIMBA (LUBANGO).

Autora: Juliana Jovati Ezequiel Jeremias

LUBANGO

2021



INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

ISCED - Huíla

ANÁLISE FILOSÓFICA DA ARTE AFRICANA COMO FUNÇÃO SOCIAL: UM ESTUDO REALIZADO JUNTO DOS ALUNOS DA 12ª CLASSE DO LICEU Nº 257 (IDA) ESCOLA ANEXA AO LICEU DA ARIMBA (LUBANGO).

Trabalho apresentado para a obtenção do
Grau de Licenciatura no Ensino de Filosofia

Autora: Juliana Jovati Ezequiel Jeremias

Tutor: Manuel Bartolomeu, MSc.

LUBANGO

2021



INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

ISCED - Huíla

DECLARAÇÃO DE AUTORIA DO TRABALHO DE LICENCIATURA

Tenho consciência que a cópia ou o plágio, além de poderem gerar responsabilidade civil, criminal e disciplinar, bem como reprovação ou retirada do grau, constituem uma grave violação da ética académica.

Nesta base, eu JULIANA JOVATI EZEQUIEL JEREMIAS, estudante do 5º ano do Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED-Huíla) de curso de Filosofia, do Departamento de Ciências Sociais, declaro, por minha honra, ter elaborado este trabalho, só e somente com o auxílio da bibliografia que tive acesso e dos conhecimentos adquiridos durante a minha carreira estudantil e profissional.

Lubango, 21 de Maio de 2021

A Autora



INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

ISCED - Huíla

Ao Exmo:

Senhor Director Geral Adjunto para Área
Científica do ISCED – Huíla

DECLARAÇÃO DE ORIENTAÇÃO DO TRABALHO DE LICENCIATURA

Eu, MANUEL BARTOLOMEU, Docente com o grau académico de Mestre afecto à Secção de Filosofia, declaro ter orientado o Trabalho de licenciatura da estudante: JULIANA JOVETI EZEQUIEL JEREMIAS, município de Caluquembe, cujo título é: **Análise filosófica da arte africana como função social: um estudo realizado junto dos alunos da 12ª classe do Liceu nº 257 (IDA) escola anexa ao Liceu da Arimba (Lubango).**

O Trabalho teve início em Julho de 2020 e término em Maio de 2021, totalizando 10 meses.

Declaro ter cumprido as normas e regulamentos da Instituição. Assim, o trabalho cumpre requisitos científicos de elevada qualidade, nas vertentes académicas, metodológica, ética e formal.

Lubango, 21 de Maio de 2021

O Tutor

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho de final do curso, aos meus queridos pais; Jeremias Muteca e Maria Ezequiel por serem os meus progenitores vitais e por toda educação, e ao meu amado esposo; Luís Correias Livongue, também por participar e apoiar o meu percurso académico.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à Deus Pai Todo Poderoso, pelo dom da vida e do conhecimento;

Aos meus irmãos; Manuel, João, Clarinda, Luísa, Ruth e Avelina Jeremias, aos sogros (Leonardo Livongue e Catarina Chicumbo) e cunhados António, Ana, Benvinda, Madalena e Luzia Livongue, por todo apoio que me foi prestado ao longo desta tranjectória;

Á todos os professores que de certa forma participaram e contribuíram na minha formação; desde o ensino Primário ao Secundário, e com maior respeito e admiração os meus agradecimentos vão à todos os docentes do ISCED-Huíla; particularmente aos do Departamento de Ciências Sociais. E de forma muito particular, agradeço ao meu tutor Dr. Manuel Bartolomeu, que desde o primeiro contacto aceitou e trabalhou connosco neste projecto até a presente data;

Também quero estender os meus agradecimentos à todos meus colegas, particularmente ao colega Pascoal Manuel e Faustino Caiuca, que com muito companheirismo tornaram esta jornada mais desejável e aliviada;

Por último, agradeço ao Isaías Paulo e Ruth Cavinguilo e, a todos os anónimos que directa ou indirectamente nos ajudam em vários aspectos da vida.

O meu muito obrigado!

SIGLAS E ABREVIATURAS

a.C	antes de Cristo;
apud	citado por;
ars	técnica;
cfr	conforme, confira;
ed	edição;
ibidem	mesmo autor e página diferente;
idem	mesmo autor e mesma página;
ISCED	Instituto Superior de Ciências da Educação;
p	página;
pp	páginas;
vol	volume.

RESUMO

A análise filosófica da arte contribui para uma melhor valorização da cultura global. Com base a este pressuposto, sentimo-nos motivado a lavrar o trabalho de fim do curso com o tema: A análise filosófica da arte africana como função social: um estudo realizado junto dos alunos do Liceu nº 257 (IDA), escola anexa à Arimba (Lubango). Com base ao tema, temos como pergunta científica a seguinte: Qual é o problema que está em volta da análise filosófica da arte africana como função social? Como objecto de estudo temos: A análise filosófica da arte africana como função social, junto dos alunos do Liceu nº 257 (IDA). E para a realização da nossa pesquisa temos como objectivo geral: compreender a análise filosófica da arte africana como função social. Do objectivo geral surgiram as seguintes perguntas científicas: (1) Quais são os fundamentos teóricos que sustentam a análise filosófica da arte africana como função social; (2) Qual é o nível de conhecimento dos alunos da 12ª classe do Liceu nº 257 (IDA), reactivamente a análise filosófica da arte africana como função social; (3) Que estratégias a utilizar para melhorar o nível de conhecimento dos alunos referenciados no que concerne a análise filosófica da arte africana como função social. Das perguntas surgem as seguintes tarefas: (1) Determinar os fundamentos teóricos que sustentam o tema em destaque; (2) Diagnosticar o estado actual de conhecimento dos alunos reactivamente ao tema; (3) Recolher dados por via do inquérito e, posteriormente sugerir acções que visa o melhoramento do nível de conhecimento dos alunos da 12ª classe sobre a análise filosófica da arte africana como função social. A nossa investigação é de carácter filosófico e enquadra-se nos campos de Cultura e Filosofia Africana e Estética. A população foi constituída por trinta e cinco (35) alunos da 12ª classe do curso de C.E.J. onde retirou-se vinte e cinco (25) alunos que nos serviu de amostra. E nesta mesma pesquisa, usou-se métodos de nível teórico, empírico e estatístico. De modo geral, o trabalho começa por uma introdução, três capítulos com abordagens específicas, conclusão e sugestões.

Palavras-chave: análise, filosofia, arte, função e social.

ABSTRACT

The philosophical analysis of art contributes to a better appreciation of global culture. Based on this assumption, we feel motivated to draw up the end-of-course work with the theme: The philosophical analysis of African art as a social function: a study carried out with students from High School nº 257 (IDA), a school attached to Arimba (Lubango). Based on the theme, we have as a scientific question the following: What is the problem surrounding the philosophical analysis of African art as a social function? As an object of study we have: The philosophical analysis of African art as a social function, with the students of High School nº 257 (IDA). And to carry out our research we have as a general objective: to understand the philosophical analysis of African art as a social function. The following scientific questions emerged from the general objective: (1) What are the theoretical foundations that support the philosophical analysis of African art as a social function; (2) What is the level of knowledge of the 12th grade students of High School nº 257 (IDA), regarding the philosophical analysis of African art as a social function; (3) What strategies to use to improve the level of knowledge of the referenced students regarding the philosophical analysis of African art as a social function. From the questions, the following tasks arise: (1) Determine the theoretical foundations that support the highlighted theme; (2) Diagnose students' current state of knowledge regarding the topic; (3) Collect data through the survey and then suggest actions aimed at improving the level of knowledge of 12th grade students on the philosophical analysis of African art as a social function. Our research is philosophical in nature and fits into the fields of African Culture and Philosophy and Aesthetics. The population consisted of thirty-five (35) students from the 12th grade of the C.E.J. where twenty-five (25) students were withdrawn and served as a sample. And in this same research, methods of theoretical, empirical and statistical level were used. Generally speaking, the work starts with an introduction, three chapters with specific approaches, conclusion and suggestions.

Keywords: analysis, philosophy, art, function and social.

ÍNDICE

DECLARAÇÃO DE AUTORIA DO TRABALHO DE LICENCIATURA	i
DECLARAÇÃO DE ORIENTAÇÃO DO TRABALHO DE LICENCIATURA.....	ii
DEDICATÓRIA.....	iii
AGRADECIMENTOS	iv
SIGLAS E ABREVIATURAS	v
RESUMO.....	vi
ABSTRACT	vii
INTRODUÇÃO	2
Situação problemática.....	3
Caracterização situação actual	3
Descrição da situação ideal desejada	3
Justificação da investigação.....	3
Problema científico.....	3
Objecto de investigação	3
Objectivo geral	4
Perguntas científicas	4
Tarefas da investigação	4
Campo de acção	4
População	5
Amostra.....	5
Métodos de investigação.....	5
Importância do tema.....	6
CAPÍTULO I: FUNDAMENTOS TEÓRICOS SOBRE A ARTE	7
1. Análise histórico-filosófica da arte	8
1.1. A estética filosófica de Platão.....	9
1.2. A descrição da arte na filosofia de Aristóteles	10
1.3. A abordagem de arte em Heidegger.....	10
1.4. A obra de Arte para Severino o Pereira.....	11
1.5. Reflexão da arte segundo Eduardo Oliveira	11
1.6. A análise filosófica da arte para Hegel	12
1.7. A filosofia da arte para Mark Rothko.....	12
1.8. Souleymane Bachir Diagne e sua abordagem de arte	13
1.9. A análise da arte para Leopold Senghor	13
1.10. A arte na era do iluminismo	14

CAPÍTULO II: ANÁLISE FILOSÓFICA DA ARTE	15
2.1. Análise filosófica da arte.....	16
2.2. A arte no antigo Egípto	16
2.3. A arte e a religião	19
2.3.1. A arte primitiva cristã	19
2.3.2. A arte das Catacumbas	20
2.3.3. A arte e o cristianismo oficial	20
2.4. A arte Bizantina	21
2.5. Relação entre arte e ciência.....	22
2.6. Relação entre arte e economia	23
2.7. Relação entre arte e educação	24
CAPÍTULO III: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS APRESENTADOS PELOS ALUNOS	25
3.1. Preliminares da investigação.....	26
3.2. Caracterização da escola em estudo	26
3.2.1. Localização do Liceu	26
3.2.2. Organização do Liceu.....	26
3.3. Procedimentos.....	28
3.4. Tipo de investigação.....	28
3.5. Caracterização da amostra dos alunos da turma em estudo	28
3.6. Análise e interpretação dos dados do inquérito aplicado aos alunos	29
CONCLUSÃO E SUGESTÕES	34
CONCLUSÃO.....	35
SUGESTÕES.....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37
ANEXOS	41

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

A palavra arte é de origem latina “ars” que traduzindo para o português equivale a técnica ou habilidade. Logo, a arte está associada ao conjunto de competências que conduzem o seu criador a produzir algo na perfeição, resultado da sua imaginação e conhecimento e, isso quer dizer que o artista vai além da capacidade de dominar a técnica e, deve ter o poder da criação e trazer obras novas capazes de aliciar e fascinar o povo. A palavra estética, foi criada pela primeira vez em 1735 por Alexandre Baumgarten, isso revolucionou completamente este conceito, o que mais tarde conduziu a arte para a Filosofia enquanto teoria da sensibilidade.

E de um modo geral, a arte é tudo aquilo que origina as emoções estéticas, bem como o sentimento do belo e do prazer. A arte deixa de estar perfeitamente ligada a estética para a criação e a capacidade de exprimir o belo e causar prazer àqueles que gozam da sua apreciação, isso faz com que arte não esteja simplesmente na cabeça do filósofo e passa a ser exigida pela história da descrição das belas-artes, do prazer estético sensível e subjectivo que qualquer tipo de arte proporciona.

E por outra, ao longo dos tempos, a arte africana é descrita como o conjunto de todas as manifestações artísticas produzidas pelos seus povos dentro e fora do continente. A África acolhe uma grande variedade de culturas tradicionais e formais com características próprias, que reflecte verdadeiramente as ricas histórias, mitos, crenças e filosofia do nosso rico continente, e esta riqueza artística hoje tem servido de matéria-prima e inspiradora para vários movimentos culturais espalhados nos diferentes cantos do mundo. A partir do século XX, vários artistas relevaram a importância da abstração e do naturalismo da arte africana, seus povos faziam seus objectos de arte utilizando diferentes recursos da natureza como; esculturas de marfim, antefaces esculpidas em madeira e adornos em ouro e bronze (Rocha, 2007).

É com base a esta breve introdução, que pretendemos mais uma vez destacar a importância da análise filosófica africana como função social, para maior e melhor descobertas daquilo que é a nossa própria essência manifestada por meio das fontes materiais. E para o segmento do nosso trabalho, primeiro teve que constatar-se:

Situação problemática

Resultou de um hiato entre a situação real actual e a situação ideal desejada;

Caracterização situação actual

O conhecimento superficial reactivamente a análise filosófica da arte africana como função social, a falta de palestras, debates nas escolas e nos meios de comunicação, bem como a inexistência de um programa no ensino geral ou secundário que aborda de forma profunda a importância da arte africana, serviu-nos de motivo suficiente para se fazer uma investigação nesta área do saber.

Descrição da situação ideal desejada

No intuito de minimizar tal défice, achamos conveniente e oportuno elaborar o nosso trabalho de fim do curso com o tema: a análise filosófica da arte africana como função social; um estudo realizado junto dos alunos da 12ª classe do Liceu nº 257 (IDA). E estamos certo que esta apostila servirá para qualquer coisa para aqueles que pretenderem fazer mais estudos ligados à área.

Justificação da investigação

As pesquisas realizadas nos últimos anos sobre a história da arte africana, situou a produção artística das culturas do continente, sob uma perspectiva reactivistas, cujos resultados revelam produções de elevada descrição estática e técnica. E sob este ponto de vista, a arte africana não pode simplesmente ser definida como instrumento de princípios e funções utilitaristas. Uma mudança nesta concepção poderá trazer resultados expressivos aos leitores.

Problema científico

Para se fazer uma investigação mais objectiva e resultados eficazes, elaborou-se a seguinte pergunta científica: Qual é o problema que está em volta da análise filosófica da arte africana como função social?

Objecto de investigação

Cientificamente o objecto de investigação é aquele onde circunda directamente a acção do pesquisador. Sendo assim, o nosso trabalho tem como objecto de estudo o seguinte: a análise filosófica da arte africana como função social: um estudo realizado junto dos alunos da 12ª classe do Liceu nº 257 (IDA).

Objectivo geral

O objectivo geral consiste no desenvolvimento de mais um tema no ramo da cadeira de Cultura e Filosofia Africano, concretamente na descrição da análise filosófica da arte africana como função social: um estudo realizado junto dos alunos da 12ª classe do Liceu nº 257 (IDA).

Perguntas científicas

- Quais são os fundamentos teóricos que a análise filosófica da arte africana como função social?
- Qual é o estado actual de conhecimento dos alunos da 12ª classe do Liceu nº 257 (IDA) sobre a análise filosófica da arte africana como função social?
- Que estratégias a utilizar para melhorar o nível de conhecimento dos alunos da 12ª classe do Liceu nº 257 (IDA) sobre a análise filosófica da arte africana como função social?

Tarefas da investigação

- Determinar os fundamentos teóricos que sustentam a análise filosófica da arte africana como função social;
- Diagnosticar o estado actual de conhecimento dos alunos da 12ª classe do Liceu nº 257 (IDA) sobre a análise filosófica da arte africana como função social;
- Recolher dados por via do inquérito e posteriormente sugerir acções que visa melhorar o nível do conhecimento dos alunos reactivamente a este tema.

Campo de acção

A presente pesquisa centrou-se no campo da Estética e da cadeira de Cultura e Filosofia africana, especificamente na análise filosófica da arte africana como função social: um estudo realizado junto dos alunos da 12ª classe do Liceu nº 257 (IDA).

População

A presente pesquisa teve como população, trinta e cinco (35) alunos da 12ª classe do Liceu nº 257 (IDA) do curso de C.E.J.

Amostra

É quase impossível observar todos os elementos, portanto, apenas examina-se uma parcela da população, ou seja, a denominada amostra (Barbetta, 2001).

Com ao acima estipulado, a nossa amostra foi constituída por vinte e cinco (25) alunos da referida turma.

Métodos de investigação

➤ Métodos de nível teórico

Histórico/lógico: para Marconi e Lakatos (2008), é o método que parte do princípio de que as actuais formas de vida das instituições e os costumes tem origem no passado, o que torna importante investigar suas raízes para melhor compreender sua natureza e funcionalidade. Assim o método histórico/lógico, tem como finalidade a investigação dos factos processuais e das instituições do passado, examinando a sua influência nas sociedades de hoje. E para o nosso trabalho, este método serviu-nos para compreender e interpretar as perspectivas ligadas ao tema.

Análise/síntese: são dois processos que completam funções bastante importantes numa investigação científica. A análise é a operação mental que facilita a decomposição intelectual de todo o complexo em suas partes e qualidades em suas diversas relações e partículas. Já a síntese é a operação contrária que estabelece mentalmente a união entre as partes (Rodriguez, León, et al, 2009). O método foi utilizado para compor e decompor a essência do tema.

Dialético: o conceito de dialéctica é bastante antigo. Platão utilizou a dialéctica como arte do diálogo; na antiguidade média, o conceito era utilizado para designar naturalmente a lógica. Este é um método que busca interpretar a realidade partindo do presumível de que todos os fenómenos na natureza apresentam propriedades contraditórias organicamente unificadas e indissolúveis (Marconi & Lakatos, 2007). Este método ajudou-nos a interpretar as várias teorias complementares e contraditórias ligadas a arte.

➤ **Métodos de nível empírico**

Observação: é um método universal e científico que consiste na percepção directa do objecto da investigação, permitindo conhecer a realidade através da percepção directa dos fenómenos (Sambaca, 2016). Foi com base a este método que tivemos que observar como os alunos encaram e percebem o tema da análise filosófica africana como função social.

Inquérito: é uma técnica de aquisição de informação de interesse sociológico, mediante um questionário devidamente elaborado através da qual se pode conhecer a opinião ou avaliação do sujeito seleccionado numa amostra sobre um assunto em análise (Ramos & Naranjo, 2014). Este método ajudou-nos a inquirir os alunos com base ao tema.

➤ **Método estatístico**

Estatístico: serve para descrever fenómenos sociais em termos quantitativos, permitindo comprovar matematicamente as relações dos fenómenos entre si e obter generalizações sobre a sua natureza, ocorrência e significado (Marconi & Lakatos, 2007). O presente método ajudou-nos a seleccionar a amostra e determinar as percentagens das respostas dadas pelos alunos em função das perguntas.

Importância do tema

O trabalho tem grande importância, e esta é repercutida nos aspectos teóricos e práticos, permitindo o seguinte:

- **Sob o ponto de vista teórico:** a investigação que resultou neste trabalho, procurou elaborar um quadro de teorias que descrevem a análise filosófica da arte africana como função social;
- **Sob o ponto de vista prático:** o trabalho poderá auxiliar e ajudar a melhorar o nível de conhecimento do tema aos alunos da 12ª classe do Liceu nº 257 (IDA) e todos aqueles que pretendam fazer mais investigações ligadas a arte.

CAPÍTULO I:
FUNDAMENTOS TEÓRICOS SOBRE A ARTE

1. Análise histórico-filosófica da arte

O ensaio de definir a arte de uma forma que pudesse abarcar todas as condições é um esforço já bastante antigo. A primeira definição satisfaz basicamente todos até uma parte do século XIX. Já com o surgimento da teoria da arte da expressão que quebrou o domínio da teoria da imitação, impulsionou o surgimento de tantas outras descrições de arte recheadas com todos os aspetos necessários para se descrever tal conceito.

O conceito actual de arte, provem dos europeus, particularmente a Grécia, na dita fase clássica, mas o fazer artístico é característico à todos povos espalhados pelo mundo. A diferença vai consistir no facto dos fecundantes do termo não terem a necessidade de conceituar a produção estética concretizada e, classificar cada uma das suas produções.

A arte produzida no continente africano, muita das vezes é designada de tradicional, por simplesmente possuir aspectos organizacional e uma cosmovisão diferente. Mas ainda assim, estes grupos continuam a se ocupar da sua cultura e exibem perseverantemente suas tradições naturais como condição de ligação a reprodução social, religiosa, filosófica e económica de seus ancestrais. Para isso, são utilizados conhecimentos inovadores e práticas criadoras de modo a conservar e transmitir suas tradições para as gerações subsequentes. Esta arte é expelida através de objectos como ferro, madeira, pele de animais, fibras vegetativas, missangas, pimentos naturais, cerâmica e dentre outros (Junge, 2004).

Nas culturas tradicionais africana, as obras criadas não encontram significados em si mesmas, elas espelham uma ligação com a religião e o social. Logo, os objectos artísticos africanos são primeiramente relatores da história da cultura, e das diferentes fases que sua arte foi submetida ao longo da expansão e do desenvolvimento de suas civilizações. A visão cultural dos africanos não se limita apenas ao mundo concreto dos vivos, nela está a ideia do transcendente, a arte vai muito além deste mundo paralelo, ela alcança o lugar da vida pós morte. Existe uma estreita relação e multiforme entre os dois mundos, inúmeras obras artísticas assinalam a interface entre os dois mundos.

As obras africanas chegaram à Europa com a colonização do continente negro, e posteriormente num grande intercâmbio económico datado dos finais do século XIX. A descoberta desta arte, causou um grande impacto nos artefactos produzidos na Europa, muitas das vezes comparado ou assemelhado a revolução da cultura grega na Alemanha do Renascimento. O elevado estilo nas obras africanas, encantou os fazedores da arte europeia e serviu de solução estética nos movimentos de grandes manifestações de entretenimento, integração social e outros valores que se repercutiram nas funções jurídicas e punitivas do sistema político em exercício da época (Junge, 2004).

1.1. A estética filosófica de Platão

Platão viveu entre (426-347 a. C.). Na sua *Teoria das Ideias*, o filósofo apresenta-se primeiro para esclarecer o dilema colocado pelo seu mestre Sócrates relativamente às significações. Ao longo da sua evolução foi imprescindível instituir as ideias como meio de centralização dos vários objectos entregues nas sensações, apresentadas por meio do olfato, tato, paladar, visão e audição, afirmando que estes por si só não são suficientes para explicar as representações desses objectos e sua essência.

Platão repartiu a realidade em dois mundos distintos: o inteligível e o sensível. Sendo no primeiro onde contem as formas puras, as essências e os alicerces da existência dos seres do segundo mundo. Assim, os homens e outros constituintes do universo são simplesmente cópias sensíveis de modelos inteligíveis e primordiais. Com base a estas afirmações, Platão abria sua crítica às obras de arte. Cada ser singularizado participa das ideias (a participação é a relação entre o todo e as partes), sem necessariamente ter que afastar-se do verdadeiro, é uma disparidade ainda que natural.

Contudo, Platão sentenciou a arte como reprodução enganosa, visto que a realidade sensível também não passa de uma outra cópia do inteligível. A arte afasta-se mais da realidade, ao passo que reproduz a cópia. A imitação do extracto é o que Platão chamou de *Simulacro*, que instiga ainda mais em relação a própria existência do mundo natural. Com isso, Platão achou por bem substituir a poesia pela filosofia.

1.2. A descrição da arte na filosofia de Aristóteles

Aristóteles foi filósofo grego, viveu num intervalo de tempo de (384-322 a.C.). Começou por afirmar que o modelo de seu mestre Platão), era supérfluo e infundado. A realidade é o “sensível” e o ser é dito de várias formas. Quer dizer com isso que, o ser deve ser denominado tendo em conta sempre a categoria e um género universal omitidos dos seres particulares.

A imitação é até benéfica, visto que torna uma composição de exposição com experimentações possíveis. A reprodução tem uma impressão pedagógico, uma vez que seu resultado promove um reconhecimento com o personagem, criando ou acordar o sentimento de purificar e instruem, determinando normas de actuações.

Neste sentido, diz-se que a experiência artística se auxilia em situações que possuem uma verossimilhança, não com factos ou actos verdadeiros, mas também com os que são prováveis de acontecer, ou seja, que estão em potência. Aristóteles emprega a tragédia acima das outras formas de arte, porque ela cuida das catástrofes humanas em que só os melhores conseguem ser felizes depois de resolver tais situações.

Aristóteles cogita o tema de forma diferente e com maior profundidade. E por outra, ele descreve a obra poética como mimese, mas a sua asserção difere tanto no significado (apreciativo) quanto no objecto da imitação. Ainda que seja uma substituição incompleta, o texto da poética é o que melhor possibilita compreender o pensamento aristotélico nesse campo da existência humana, mesmo em obras como física, política ou metafísica se encontram alusões que ajudam a esclarecer a sua percepção da arte (Cabral, 2019).

1.3. A abordagem de arte em Heidegger

Para este filósofo, o conceito de arte corresponde realmente algo verdadeiro, porque, se ela fosse uma palavra vaga, então não haveria obras de-arte e por outra, é apenas dele que se tira as inferências universais.

Por outro lado, artista é somente a determinação acidental de uma potência e, de facto, o homem é artista meramente durante a actualização dessa potência. O imbróglia radica em imprecisões de terminologia Pode dizer-se, no que concerne ao fenómeno da obra-de-arte, que a relação entre sentido da

expressão e o seu significado no seu uso contemporâneo parece mais fraca do antes.

Fazer um julgamento sobre o valor das obras de arte é mais desconfortável, é preciso muito tempo para que ela seja reconhecida, em compensação (como vingança), ela é mais durável. Um génio pode morrer de fome no meio das suas obras, que declararemos inestimáveis uns decénios depois da sua morte (Gallimard, 2010).

1.4. A obra de Arte para Severino o Pereira

Nos finais do século XVIII a meados do século XX, as inquietações inatas dos estetas tem sido analisadas pelos estéticos e pela teoria da arte. A filosofia da crítica ou metacrítica passa a ser entendida como uma acção filosófica que estuda e aclara os conceitos primários que os críticos de arte colocam quando relatam, decifram ou avaliam obras de arte de forma particular.

O progresso da filosofia que acompanhou a metacrítica na estética foi influência universalizada da filosofia analítica linguística, a qual gera a filosofia como uma actividade de segunda ordem, tomando seu objecto a linguagem de qualquer actividade de principal ordem (Plon, 2007).

1.5. Reflexão da arte segundo Eduardo Oliveira

Oliveira considera que a maior parte dos povos africanos, prendem a sua erudição na forma narrativa dos mitos. E por outra, faz uma simbiose da religião à política, ética de trabalho e ciência de acção. Talvez seja pelo facto do mito manter a sua força e mistério decifrador e simultaneamente revelar o oculto.

Em alguns aspectos, ele extasia a visão da beleza explícita, como o da beleza de refúgio. Porém, a ética vem vestida de estética no conceito, vestuário, na música, na dança, ou seja, na arte. A vida é uma obra de arte e os seus enigmas são dirigidos por meio de mitos que tem a ocupação pedagógica da transmissão do conhecimento, ao mesmo tempo o seu formato de explanação acaba por definir a própria veracidade que se quer entender.

Sabemos que o encantamento só existe a medida em que a ancestralidade é percebida. Por quanto, a existência de qualquer coisa está precisamente arrolada a um ancestral, o qual é a êxtase. O vazio, a plenitude e o mito

impulsiona essa ancestralidade. Em cada partícula de mito e de oralidade encontra-se conhecimento, pois o nosso corpo está atrelado ao conhecer e o corpo é todo ele cabeça, cabelo, pele, sangue, olfato, audição e todo ele está impregnado de ancestralidade, é lembrança viva, e tudo isso é fruto da experiência.

Assim, podemos concluir que o reconhecimento da memória do corpo acontece por via das nossas experiências em comunidade e resultada da cultura, e ao reconhecer este corpo como memória, percebe-se que é o encantamento que promove este reconhecimento. A obra de arte pode ser concebida, de facto como um testemunho transportado verbalmente de uma geração para outra (Petrovich & Machado, 2004).

1.6. A análise filosófica da arte para Hegel

A arte filosófica de Hegel é considerada como um dos grandes momentos do desdobramento espiritual. Com ele, o absoluto opõe-se sensivelmente como obra de arte. A arte e sua produção resultantes da alma e gerado por ele, são apropriadas de natureza espiritual, apesar de ser exposições colhidas em si mesmas, o aspecto do sentimento e a entranhe do espírito provem do sensível.

Como modo de revelação sensível e da finitude da ideia, a arte aparece como uma dialéctica da razão e como um momento de pureza com característica objectiva, tendo como garantia a eventualidade de seu conhecimento racional. Entretanto, a indagação de Hegel no que concerne a filosofia da arte ou de uma averiguação científica, é compactada a partir da consideração pela obra da bela arte como sendo o grande momento da exaltação sensível da realidade (Hegel, apud Sena, 2001).

1.7. A filosofia da arte para Mark Rothko

Filósofo de nacionalidade Rússia, nascido aos, 25 de Setembro de 1903, na sua obra “a realidade do artista” diz o seguinte: Muitas vezes descreve-se os artistas como uma maneira de fugir à acção. Sublinha-se que os artistas, considerando demasiado incómodas com as coisas práticas do mundo, se retiram do domínio da verdadeira actividade e se escondem num universo de imaginação para se livrarem desses incómodos. Habitualmente considera-se que o universo da verdadeira actividade é aquele em que o homem se ocupa seja em comunidade

como individualmente, da satisfação das suas próprias necessidades físicas, o que muitos acreditam estar fora da produção artística.

Mas o certo é que, a arte não é apenas uma forma de acção, mas de acção social. Porque a arte é um tipo de comunicação e, quando penetra no meio envolvente, surte os seus efeitos tal qual outra qualquer forma de acção. Pode dizer-se que, enquanto meio de acção social, a utilidade depende da quantidade de gente que conseguir influenciar (Rothko, 2007).

1.8. Souleymane Bachir Diagne e sua abordagem de arte

É um filósofo africano de nacionalidade ganesa e professor da universidade de Columbia (EUA). Este autor +e de opinião que de que os filósofos africanos devem colocar uma certa flexibilidade nos seus trabalhos para uma melhor compreensão de seus concidadãos.

E quanto a literatura, o mesmo sugere que os nossos textos devem ser produzidos em nossas próprias línguas, de modo que todo cunho artístico do continente possa ser concebido e exaltado, em benefício do nosso próprio património filosófico, científico e cultural.

O conhecimento é o instrumento fundamental para oferecer referências na condução da existência humana. Este é necessário para a prática produtiva da política e da cultura. As experiências não são simplesmente representadas por conceitos, mas também são apreciadas pelos valores (Severino, 2007).

1.9. A análise da arte para Leopold Senghor

Nascido em 1906 no Senegal, entendeu a identidade própria como conjunto de valores culturais expressas nas instituições e nas obras. Para além da poesia que é ritmo, ele mostra até que ponto a arte negra influenciou os cubistas e surrealistas. Sendo o negro sensitivo e comovente, acaba sendo um composto ordenado, um cosmo que no qual cada um tem o seu lugar. É a penas uma questão de reabilitação de todo património artístico banalizado pelo tráfico negro, que o negro encontra o valor da sua cultura para o resto do mundo.

A cultura do negro deve ser pensada tendo em conta a outras, e deve servir de instrumento de abertura de afirmação do homem negro na construção de uma civilização universal. O homem africano, terá uma maior sensação que lhe permita sentir os objectos, pessoas animadas e objectos não animados, pelas

suas qualidades sensitivas e pelos odores, formas, cheiros, cores, luzes, etc. As múltiplas aparências expressivas dos objectos não criam nenhuma dúvida ao africano porque, na sua visão, pertencem a uma mesma realidade do Ser.

Na sua filosofia das forças vitais, a arte é compreendida como forma de conhecimento que contribui para a libertação das pessoas. Pois a emoção, possibilitando elevar-se a um estágio de consciência integradora, supera a fragmentação analítica da razão (Senghor apud Pascoal, 2020).

1.10. A arte na era do iluminismo

O desafio da filosofia constatado na idade moderna, centrou-se no âmbito da produção poética. É o de alcançar o estabelecimento de princípios lógicos capazes de objectivar a interpretação, percepção e avaliação da obra de arte. Os temas principais no pensamento da arte centravam-se no belo e no gosto: o primeiro como matéria de aferição de valor e o segundo como instrumento de capacidade dessa avaliação.

A relação senso-perceptiva é sempre de carácter singular, mas vale destacar que se é no homem que o efeito se causa, então também é nele que se exterioriza o que lhe motiva, isto é, a reação provida do gosto ou do desgosto que é certamente uma determinação também presente na obra de arte. Belo é o nome onde se sintetiza o valor de afinidade apurada nessa relação, e o veículo central em volta do qual se constitui as diferentes teorias sobre a obra de arte do início do século XIX.

Seja lá quantas inferências forem retiradas com base a definição ou descrição de uma obra de arte, nenhuma poderá ser mais bela que a verdade. Esta afirmação é de Boileau no ano de 1674, ao ter uma óptima ideia sobre o prosseguimento da cultura e a persistência do lugar-comum, ao tentar contrariar Heidegger quando afirmou que o brilho posto na obra de arte é o belo. Ou seja, beleza é uma forma por via da qual a verdade ocultada vem a tona (Hachette, 1864).

Ser autor é depois de saber tudo o que se conhece, trazer-nos inédito o que ainda pertence ao conhecimento geral. A humanidade reconhece o seu próprio caminho mas não o conhece senão até onde já foi. O artista toma a dianteira à humanidade para a prevenir de viva voz do seu próprio caminho (Yves, 1909).

CAPÍTULO II:
ANÁLISE FILOSÓFICA DA ARTE

2.1. Análise filosófica da arte

O homem dá por si, olha à volta do mundo e vê o que o rodeia: dentre elas tem aquelas coisas geradas pela natureza e outras coisas que os homens ao se opor da natureza, produzem por meio de sua técnica. Isso quer dizer que a obra de arte é uma entidade do segundo tipo, e é diferente das outras. O que a torna diferente como qualidade no tipo das produções de habilidade é que, mais do que pretender adquirir conclusões, ela se propõe conduzir á vista o que se oculta.

O conceito arte, adequa-se de facto em algo real; porque se á palavra arte não correspondesse algo real, então não haveria obras. Por outro lado, artista é somente a determinação accidental de uma potência e, de facto, o homem é artista meramente durante a actualização dessa potência. Procurar-se portanto, a verdade enquanto desvelamento de ser e não como manifestação lógica, o que quer dizer que a análise se faz no âmbito da antropologia filosófica, sendo o objecto de estudo, a obra de arte.

Não existe arte em si, de que a definição nos guiará para descrever a maneira pela qual ela é vivida por sim ou pelos actores. Não existem senão concepções historicamente situadas, reactivamente estabilizadas e colectivas, do que os actores entendem por arte. Neste perspectiva a arte não é outra coisa senão a resultante das operações de ratificação.

E por outra, pode afirmar-se que, o fenómeno da obra-de-arte, que é a relação entre o sentido da expressão e o seu significado no uso contemporâneo, parece mais fraca do que antes; e talvez esse enfraquecimento esteja de tal maneira mais distante que as significações sejam multidão e o sentido diáfano.

Uma obra de arte é um artefacto de uma sorte particular, um objecto, produto de uma invenção humana, num momento e local particular, por um individuo ou individuos singulares o que o que tem consequências sobre a maneira como fazemos uma experiencia adequada dela, em que temos dela uma compreensão apropriada e em que a avaliamos correctamente (Pereira, 2015)

2.2. A arte no antigo Egipto

A arte egípcia estava estreitamente ligada à religião, isso devido a sua padronização. Pois a obra devia revelar um perfeito domínio das técnicas e não o esmero do artista. A arte egípcia caracteriza-se pela representação da

configuração humana, o convencionalismo e o conservadorismo das habilidades de criação voltadas a produzir esculturas e retratos estereotipados com parecer ideal dos seres, sobretudo dos reis, e não a sua aparência real. É preciso elucidar que, devido a função religiosa arte egípcia, os princípios aprazíveis evoluíram muito pouco de um período a outro. Contudo, eles se conservaram sempre dentro do mesmo naturalismo primitivo, os temas eram habitualmente exposições da vida quotidiana e de controvérsias, quando não representassem lendas religiosas ou de motivos de natureza escatológica (Gwete, 1995).

As figuras típicas dos murais egípcios, de perfil mas com os braços e o corpo de frente, provieram da utilização do prisma da aparência. Os egípcios não representavam as partes do corpo humano tal como aparece na posição real, eles sempre tinham em consideração a colocação de onde melhor se analisasse cada uma das partes. Essa estética permaneceu até meados do império novo, manifestando-se depois a preferência pela reprodução frontal (ibidem, 1995).

Temos a referir que na arte egípcia, é também representada pela escrita. Um sistema de mais de 600 símbolos gráficos, denominados hieróglifos, desenvolveu-se a partir do ano 3300 a.C. e seu estudo e fixação foi tarefa dos escribas. O suporte dos escritos era um papel fabricado com base na planta do papiro, a escrita e a pintura estavam estreitamente vinculadas por sua função religiosa (Vansina, 1999).

As pinturas murais dos hipogeus e as pirâmides eram acompanhadas de textos e fórmulas mágicas dirigidas às divindades e aos mortos. É curioso observar que a evolução da escrita em hieróglifos mais simples, ou a chamada escrita hierática, foi determinante na pintura, dando uma evolução semelhante, que apareceu num processo de abstração. Essas obras menos naturalistas, pela sua correspondência estilística com a escrita, por sua vez foram chamadas de pinturas hieráticas.

Do império antigo preservam-se as famosas pinturas denominadas “ocas de Meidun e o império novo”. Merecem também referência os murais da tumba da rainha Nefertari no vale das Rainhas, em Tebas. A pirâmide foi produzida durante a dinastia III, pelo arquiteto Imhotep, e essa magnífica obra lhe mereceu a divinização. No princípio, as tumbas egípcias detinham a forma de pequenas caixas; eram feitas de barro recebendo a designação de mastabas (banco). Surgiu desse arquiteto a ideia de superpor as mastabas, oferecendo-lhes a forma

de pirâmide. Também se deve a Imhotep a substituição do barro pela pedra, o que na altura parecia ser a forma mais adequada, tendo em vista a conservação do corpo do morto (Souza, 2005).

As primeiras pirâmides foram as do rei Djoser, estas eram escalonadas. As mais famosas do mundo pertencem à dinastia IV e se acham em Gizé: Quéops, Quéfren e Miquerinos, cujas faces são totalmente lisas. Outro tipo de construções foram os hipogeus, templos fossados nas rochas, dedicados às várias divindades ou algumas particularizadas (Vansina, 1999).

Relativamente a arquitetura civil e palaciana, as ruínas presentes não permitem colher muita informação a seu respeito. A escultura egípcia foi antes de tudo animista, aproximada sua razão de ser na eternização do homem após a morte. A figura de um faraó ou um nobre era o substituto físico da morte, sua cópia em caso de decomposição do corpo mumificado.

Com o passar dos tempos, as formas foram se complicando e passaram do realismo ideal ao amaneiramento absoluto. Com os reis ptolemaicos, a grande influência da Grécia, impactou na pureza das formas e no aprimoramento das técnicas. Primeiramente o retrato tridimensional foi apenas privilégio de faraós e sacerdotes, mais tarde, alargou-se para certos membros da sociedade e particularmente aos escribas.

Uma outra importância na produção da arte egípcia, foram as obras de ourivesaria, cuja proficiência e beleza são leais testemunhas e transmissórias da elegância das cortes egípcias. Os meios mais utilizados na época era o ouro, a prata, e outras pedras preciosas. Há-de destacar que com a morte de Ramsés II, o poder real fragilizou-se. O Egito foi invadido várias vezes pelos etíopes, persas, gregos e por último os romanos. Estes assaltos, foram suficiente para influenciar e confundir a arte egípcia com a dos demais povos, a arte egípcia, perdeu suas características singulares.

Pinturas de 4,4 mil anos encontradas na tumba da Sacerdotisa Hetpet representa a sociedade da época. Nessa sociedade, a arte era produzida de forma padronizada e não dava abertura para a criatividade. Desta feita, foi produzida uma arte anônima, pois o importante era a perfeita realização das técnicas executadas e não o estilo dos artistas (Biebuyck, 1985).

2.3. A arte e a religião

A arte está conexas com as nossas crenças mesmo quando não for religiosa. Espirituosidade e manifestação confundem-se no alvorecer da experiência humana. Em certo ponto, ser humano é caracterizar-se por essas duas dimensões, elas são formas de se mostrar a consciência do que está em volta e de si mesmo e, além disso, ambas são formato de comunicação. As vezes, a comunicação directa entre emissor e receptor. A Bíblia e os demais livros Sagrados, são instrumentos de transmitir mensagens, igualmente assim são algumas obras de arte. Na idade moderna (e em alguns lugares até hoje), a boa parte da população era iletrada, por isso a introdução da iconografia católica: esta retrata as qualidades visuais de cada dogma, conceito e o ente da religião.

A arte já serviu muito e sempre foi utilizada para representar crenças, mesmo muito anteriormente do aparecimento do cristianismo. Muitos estudiosos acreditam que as pinturas rupestres são religiosas. As pinturas produzidas em cavernas, montanhas e paredões, possuíam motivos espirituais.

Mais que ajudar a patentear as qualidades de alguma definida crença, a arte tem pormenores que ajudam a aproxima-la da religião; enquanto o profeta for mortal, a obra de arte pode durar para sempre. Esse foi um dos fundamentos que se centrava a construção dos monumentos das pirâmides e as esfinges do antigo Egito. Por possuírem uma característica imortais tal como a alma, as obras transmitiriam para sempre a história, a crença e os atributos dos profetas e monarcas.

2.3.1. A arte primitiva cristã

Depois da morte de Cristo Jesus, seus discípulos puseram-se a divulgar seu evangelho. Primeiramente essa expansão limitou-se naturalmente a Judeia, naquela altura ainda província romana, onde Jesus viveu e morreu, mas depois, a comunidade cristã começou a disseminar-se nas diferentes regiões do império romano.

Em 64 d.C. no império de Nero, lançou-se a primeira grande perseguição aos cristãos, e num período de 249 anos, eles tinham sido perseguidos mais de oito vezes. Dentre estas estas perseguições, a mais violenta foi a que ocorreu de 303

à 305, já no governo de Diocleciano, tendo facilitado cada vez mais a expansão da cultura cristã pelo resto do mundo.

2.3.2. A arte das Catacumbas

Fruto das perseguições, os primeiros cristãos de Roma passaram a enterrar seus entes queridos em galerias subterrâneas, também chamadas de “catacumbas”. Dentro destes espaços, os mártires da fé eram enterrados em lugares maiores, no teto e em suas paredes laterais as primeiras revelações das pinturas foram surgindo dando origem às primeiras manifestações artísticas cristãs.

Inicialmente as pinturas representavam simplesmente os símbolos cristãos a saber: a cruz, que revelava o símbolo do sacrifício de Cristo; a palma, que exibia o símbolo do martírio; a âncora que era o símbolo da salvação; por último, o peixe em grego (Ichtys), que coincidiam com a Yios, Soter, que significa, Jesus Cristo, Filho de Deus, o Salvador.

As pinturas cristãs também evoluíram e mais tarde, começaram a aparecer coisas do Antigo e do Novo Testamento. Mas o tema favorito dos artistas cristãos era a figura de Cristo Jesus, o Redentor, representado como o Bom Pastor. É importante realçar que a arte cristã primitiva não era feita por grandes artistas, mas sim por homens do povo, convertidos à nova religião.

2.3.3. A arte e o cristianismo oficial

As perseguições aos cristãos foram aos poucos diminuindo até que em 313, o imperador Constantino permitiu que o cristianismo fosse desafortunadamente confessado e em seguida converteu-se a esta religião. Sem as limitações do governo de Roma, o cristianismo expandiu-se, principalmente nas cidades. E em 391, o imperador Teodósio oficializou o cristianismo como a religião do império. Dali começaram a surgir os primeiros templos cristãos. No começo, estes templos preservaram as características da construção romana destinada a administração da justiça e chegaram mesmo a manter o seu nome, Basílica.

Já internamente, como era muito grande o número de pessoas convertidas a nova religião, os construtores procuraram criar amplos espaços e ornamentar as paredes com pinturas e mosaicos que ensinavam os mistérios da fé aos novos cristãos e contribuía para o aprimoramento de sua espiritualidade (Vansina, 1999).

Além disso, o espaço interno foi organizado com as imposições do culto. A Basílica de Santa Sabina, construída em Roma no ano de 422 a 432, exibe uma nave ampla no centro, aí permaneciam os fiéis durante as cerimónias religiosas. Esse espaço é reduzido nas laterais por uma sequência de colunas com capitel coríntio, concertadas com belos arcos romanos. O arco triunfal tal como o teto da abside foram recobertos com pinturas que retratam personagens e cenários da história cristã.

2.4. A arte Bizantina

Em 395, o imperador Teodósio repartiu em dois o enorme território que dominava, o império romano do Ocidente e o império romano do Oriente. O Ocidente tinha como capital, Roma. E este sofreu sucessivas ondas de ataques pelos bárbaros até cair completamente sob autonomia dos invasores, no ano de 486, data que marca o fim da idade antiga e início da idade média. Já o império romano do Oriente, apesar das persistentes crises políticas sofridas, conseguiu manter-se unido até 1453, ano em que os turcos tomaram sua capital Constantinopla. Dali deu-se então início um novo período histórico, ou seja, a idade moderna.

Constantinopla foi consolidada pelo imperador Constantino em 330, no local onde estava Bizâncio, antiga colónia grega. Devido sua situação geográfica entre a Europa e a Ásia no estreito de Bósforo, esta cidade foi cenário de uma autêntica síntese das culturas greco-romanas e orientais. Portanto, o termo bizantino, derivado de bizâncio, passou a ser usado para apelidar as criações culturais de todo império do Oriente.

O império bizantino ou do Oriente, obteve seu ápice político e cultural no governo no império de Justiniano que se estendeu de 527 à 565. A asserção do cristianismo calhou historicamente com o momento de opulência da capital do império Bizantino. Por isso, a contrário da arte cristã primitiva que era popular e simples, a arte do cristianismo oficialização arca um carácter majestoso.

A arte bizantina tinha um objectivo como: expressar a autoridade absoluta do imperador considerado sagrado; representante de Deus e com poderes temporais e espirituais. Para que a arte atingisse melhor esse objectivo, foram estabelecidas uma série de convenções tal como na arte egípcia. Uma delas foi a frontalidade (Vansina, 1999).

As personalidades oficiais e as figuras sagradas passaram também a serem retratadas de forma a cambiarem entre si seus componentes próprios. A escultura de personalidades oficiais sugeria que se tratava de personagem sagrada. O imperador Justiniano e a imperatriz Teodora por exemplo, vieram a ser representados na igreja de São-Vital com a cabeça adornada, atributo usado para determinar as figuras sagradas como Cristo, os santos e apóstolos (Gwete, 1995).

Por outra, os personagens sagrados eram reproduzidos com as características das personalidades do império. Cristo por exemplo, aparecia como um Rei e Maria como uma rainha. Da mesma forma, nos mosaicos, a procissão de santos e apóstolos aproximava-se de Cristo ou de Maria de forma solene, como acontecia na realidade com o cortejo do imperador nas cerimónias da corte.

O carácter majestoso da arte bizantina pode também ser notado na arquitetura, como nos mosaicos e nas pinturas que passavam o interior das igrejas. As igrejas que divulgam uma arte mais madura são as da época de Justiniano. Depois da sua morte em 565, ampliaram as dificuldades políticas para que o Oriente e o Ocidente voltasse a se unir. Apesar do declínio cultural e político, o império bizantino conseguiu sobreviver até ao fim da idade média (ibidem, 1995).

2.5. Relação entre arte e ciência

Tradicionalmente a arte e ciência tem sido discutidas como duas disciplinas isoladas, mas sempre que são estudadas de forma ligada, encontrar-se claro o embate que uma tem sobre a outra. Exige-se um imenso esforço de criatividade para fazer descobertas cinéticas e frequentemente, a arte é uma revelação ou produção do conhecimento científico.

A arte visual tem sido experimentada para fundamentar o mundo natural por milhares de anos, desde desenhos de animais em cavernas que auxiliam os actuais pesquisadores a descobrirem a fauna dos tempos passados, as pinturas de ensaio seculares que nos revelam como eles foram conduzidos.

Dos exemplos mais atraentes do artista como registo do progresso científico, temos as pinturas de Joseph Wright de Derby, que trabalhou nos finais do século XVIII e fazia parte de um pequeno anel de intelectuais conhecidos como sociedade lunar (assim chamados por se encontrarem em noites de lua cheia).

A famosa pintura de Wright, onde mostra uma lâmpada colocada no lugar do sol, revela uma agregação íntima em volta de um modelo mecânico do sistema solar.

Por outra, Charles Darwin observou as pinturas de North como brilhantes exemplos de sua teoria da seleção natural. North manteve um legado não apenas pela sua obra de arte, também através de várias espécies para as quais ela abasteceu a primeira ilustração e depois catalogou.

Existem outros exemplos de arte penetrando a ciência, mas os que aqui foram citados, também podem demonstrar a importância da arte para ajudar a entender o legado científico e como a ciência é bem abastecida pela aplicação de uma lente artística. As duas atividades nos ajudam a estudar, interpretar e explorar o cosmos (Vebjorn, 2001).

2.6. Relação entre arte e economia

Há um grande interesse internacional no potencial das indústrias culturais e criativas para propulsionar o desenvolvimento sustentável e criar oportunidades de emprego. Um indicador disso consiste no facto da UNESCO ter assinalado algumas diretrizes sobre como avaliar e compilar estatísticas da contribuição das indústrias culturais.

O instituto de estatística da UNESCO, em coadjuvação com divisão de estatística da UNU, está a fortalecer conselhos internacionais para coleccionar contas satélite da cultura. Ao executar este quadro, os países poderão avaliar a real contribuição da cultura para suas economias e confrontar seus resultados com outros países.

Além disso, hoje a arte e cultura se tornaram uma grande indústria criativa ou indústria cultural. As indústrias criativas aludem-se a uma série de acções económicas, que se inquietam com a geração ou exploração de conhecimento e informação para o bem da economia.

Para medir a contribuição da indústria cultural usa-se basicamente quatro indicadores: valor acrescentado bruto, facturamento, empregabilidade e actividade comercial. O relatório da UNESCO ajuda a abastecer uma boa razão para o apoio do governo às artes e a cultura, especialmente nos países em desenvolvimento.

Além de entreter e encantar, as indústrias criativas ou culturais são também um contribuinte potencialmente para a construção de uma sociedade mais compreensiva, aberta e consciente. Principalmente quando forem obras que levam para a reflexão e a formação da identidade.

2.7. Relação entre arte e educação

Vale lembrar aqui os reflexos que uma formação cultural sólida pode causar na vida de qualquer pessoa. Isso chega a ser mais notório na infância, quando a criança vai se acostumando faseadamente com os valores e símbolos que lhe são transmitidos. Um quadro, uma poesia, uma música são formas de fazer com que as pessoas pensem e interpretem melhor o que enxergam, e de alguma forma pesquisem mais informações sobre o tema.

São objectos alcançáveis a maioria das exposições são de acesso livre. Mas talvez, uma criança ou um adolescente jamais vai procurar ter contacto sem antes ter um incentivo externo. Então que este incentivo venha da escola. É um dever da escola como instituição, proporcionar este tipo de conhecimentos a seus alunos. O conhecimento da arte é bastante importante e deve ser uma das prioridades na vida de qualquer pessoa.

A importância do ensino de arte na escola é fundamental tanto quanto outras áreas de conhecimento. O ensino de arte pode e deve contribuir para que o aluno tenha consciência e conhecimento da história da arte bem como algo prazeroso e lúdico, proporcionando alegria, desenvolvendo o pensamento crítico, a criatividade que junto traz um significado para o mesmo no seu dia-a-dia. Através de suas linguagens, a arte pode ser uma ferramenta que oferece ao aluno actividades que ajudem a ter uma melhor qualidade de vida.

Arte-educação, favorece o desenvolvimento do pensamento artístico e desperta uma visão estética que caracteriza um jeito próprio de ordenar e dar sentido a experiência humana. Assim o educando desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação tanto ao realizar formas artísticas quanto na acção de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas (Márcio, 2018).

CAPÍTULO III:
ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS APRESENTADOS
PELOS ALUNOS

3.1. Preliminares da investigação

Terminada a parte curricular do curso de Filosofia e motivado pelos diferentes temas abordados na cadeira de Cultura e Filosofia Africana, suscitou-nos o interesse de realizar um estudo nesta área para terminar o curso. Durante a minha formação média e, posteriormente com algumas aulas de estágio nas diferentes escolas onde fomos selecionados, constatei com alguma preocupação a maneira como os alunos desconhecem alguns conhecimentos básicos a respeito da Filosofia Africana, daí surgiu o a necessidade de elaborar o nosso trabalho de fim do curso versado ao tema “Análise da arte africana como função social” com esperança de ver algumas lacunas ultrapassadas e motivar outros pesquisadores ligados à esta área do saber.

E para pôr em prática este objectivo, fizemos os primeiros contactos, através de solicitações a direcção do Liceu nº 257 do IDA, escola anexa à Arimba de modo que nos permitissem trabalhar como uma das suas turmas e, assim nos foi sucedida. Desde o primeiro contacto, os alunos da turma selecionada mostraram-se disponíveis para responder as questões formuladas no nosso inquérito. Os passos subsequentes foram dados, com a elaboração inicial do ante-projecto e posteriormente as consultas bibliográficas que nos serviram de sustento para o nosso trabalho de monografia (Fonte Própria, 2021).

3.2. Caracterização da escola em estudo

Neste parágrafo começamos por apresentar e caracterizar o Liceu nº 257 IDA, escola anexa à Arimba, município do Lubango, província da Huíla. Isso envolve a sua localização espacial e, seguidamente mostraremos a organização interna da escola, os órgãos administrativos e outros aspectos não menos importantes.

3.2.1. Localização do Liceu

O Liceu nº 257 IDA, escola anexa à Arimba, está localizado no bairro Tchioco, município do Lubango, província da Huíla.

3.2.2. Organização do Liceu

A estrutura organizacional do Liceu em referência está da seguinte forma:

- a) Assembleia da Escola:** é o órgão responsável pela definição das linhas orientadoras da actividade e unidade orgânica, com respeito pelos

princípios consagrados no regime jurídico da criação, autonomia e gestão das unidades orgânicas do sistema educativo e, reúne para resolve de forma agradável os problemas comuns, tornando assim, a escola num ambiente agradável e proporcionando a integração entre alunos, grupo docente, coordenador da comissão de pais e encarregados de educação ou simplesmente a comunidade escolar.

b) Conselho Directivo: é o órgão responsável pela definição da actuação da instituição de ensino, bem como pela direcção dos respectivos serviços, em conformidade com a lei e orientações governamentais composto pelo Director e Sub-Director Pedagógico.

c) Conselho de Disciplina: organização de controlo disciplinar da escola, formado por professores, com a seguinte organização:

1. Um Coordenador;
2. Um Coordenador Adjunto;
3. Quatro Membros.

d) Conselho Pedagógico: é o órgão de coordenação e orientação educativa da escola, fundamentalmente nos domínios pedagógico didáctico, da orientação e acompanhamento dos alunos e da formação inicial e contínua, do pessoal docente e não só, constituído pelo Director (a), Sub-Director (a)-Pedagógico e todos os Coordenadores de turnos e classes.

O Liceu nº 257 é de estrutura definitiva, possui nove (9) salas de aulas, um gabinete do Director geral, outro para o Directores Pedagógico e o Administrativo, uma secretaria e, finalmente uma sala para os professores.

A escola é criada para o processo de ensino-aprendizagem, e para este efeito, ela tem de ser capaz de cumprir as suas actividades diárias de forma eficaz. Para que isso aconteça, a escola deve estar devidamente organizada. Uma escola deficiente deve ter bons canais de comunicação para uma administração adequada (Pessanha et al, 2010).

3.3. Procedimentos

A actual pesquisa, teve em conta os procedimentos e as normas inerentes as recomendações científicas, a aplicação de inquérito por questionário e a observação como instrumentos de recolha de dados.

3.4. Tipo de investigação

Trata-se de uma investigação de nível descritivo, porque consistiu na descrição de características de determinadas populações ou fenómenos, sendo por uma de suas particularidades está na utilização de técnicas padronizadas de coletas de dados, tais como o questionário e a entrevista. O nosso estudo teve um carácter misto, isto é; quantitativo e qualitativo (António, 2017).

A abordagem quantitativa, é aquela cujo, os dados colhidos podem ser quantificados, ou seja, a análise é feita com base no tratamento estatístico. O pesquisador vale-se de tabelas, gráficos, contagem e prestam-se como procedimento de recolha de dados e questionário por inquérito (Marques, 2006).

3.5. Caracterização da amostra dos alunos da turma em estudo

Tabela 1: amostra dos alunos em função da distribuição da idade e género

Idade	Sexo	
	Masculino	Feminino
De 17 à 24 anos	14	11
Percentagem	56%	44%

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

De forma geral, foi observado que maior percentagem dos alunos são do sexo masculino (56%) e outra parte não muito reduzida do sexo feminino. Uma das maiores preocupações, foi ter constatado a enchente das salas e, alguns alunos com idade acima da média no referido Liceu. Apesar desta disparidade, a escola apresenta um quadro de alunos minimamente equilibrado.

3.6. Análise e interpretação dos dados do inquérito aplicado aos alunos

Quadro 2. Concernente a pergunta nº 1: No teu curso possui a Cadeira de Filosofia?

Respostas	Frequência	Percentagem %
Sim	25	100%
Não	0	0%
Total	25	100%

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

A primeira (1) questão da pesquisa foi: No teu curso possui a Cadeira de Filosofia? Tal como já se esperava, com base a esta pergunta, 25 alunos, ou seja, 100% da turma inquirida escolheram a opção sim.

Esta resposta ajudou-nos a perceber que pelo menos o nosso campo (filosófico) de pesquisa é do conhecimento dos alunos inquiridos, o que de certa forma facilitou a nossa investigação.

Nas suas análises sobre Sócrates, Merleau-Ponty relata o uso da filosofia como interrogação sobre as várias perseveranças do real, questiona a ordem criada e, à medida que examina e aprecia, intervém na ação. Estas asserções levam-nos mais uma vez a defender que a cadeira de Filosofia devia ser implementada em todas áreas do saber voltadas ao Homem.

Quadro 3. Concernente a pergunta nº 2: Já ouviu falar em Filosofia da arte?

Respostas	Frequência	Percentagem %
Sim	23	92%
Não	0	0%
Talvez	2	8%
Total	25	100%

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

A segunda (2) questão da pesquisa foi: 2- Já ouviu falar em Filosofia da arte? Quanto a esta pergunta, vinte e três (23) alunos correspondente a 92%, discaram na opção Sim; Já a opção Talvez, teve credibilidade de apenas dois (2), o equivalente a 8%; e por fim temos a alternativa Não, sem qualquer percentagem. Desta feita, dá-nos a entender que apesar de não ser de forma profunda ou detalhada, mas o certo é que quase a turma toda já ouviu falar da Filosofia da arte.

Segundo Hegel, a obra de arte é reflectida como um primeiro ápice do desenrolar do espírito. Por ser um jeito de exteriorização emotivo e balizado da ideia, a arte aparece como uma dialética da inteligência e um momento de realidade que tem carácter objetivo, o que garante a eventualidade de seu saber racional. Isso quer dizer que sabendo ou não, estamos todos conexos a arte, pese embora isso não seja bastante para o seu conhecimento completo (Hegel apud Sena, 2019).

Quadro 4. Concernente a pergunta nº 3: Consideras relevante que um aluno (a) da 12ª classe tenha conhecimentos em Filosofia da arte?

Respostas	Frequência	Percentagem %
Sim	22	88%
Não	1	4%
Talvez	2	8%
Total	25	100%

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

A terceira (3) questão foi Consideras relevante que um aluno (a) da 12ª classe tenha conhecimentos em Filosofia da arte? A opção Sim, foi a mais escolhida com um total de vinte e dois (22) alunos correspondendo os 88%; dois (2) alunos ou 8% ficaram com a opção Talvez; finalmente apenas um (1) aluno o equivalente a 4% optou pela alternativa Não.

Este resultado revela que, de facto é indubitável que um aluno deste nível tenha sim conhecimentos em Filosofia da arte. Isso não se deve apenas pela satisfação

da abordagem do nosso tema, como também pelo rico conteúdo que este campo filosófico pode proporcionar na vida social e individual.

Tal com afirma M. Zanine (1989), é relevante observar a investigação pessoal e poética de cada um ao expô-lo aos alunos, focalizando nas biografias, temas e técnicas de benefício. O ideal é abarcar nas escolas movimentos artísticos que são estudados nas salas de aula. O professor tem o cargo de ajudar para a desagregação de visões maniqueístas que protegem a arte como uma actividade exclusiva aos artistas.

Quadro 5. Concernente a pergunta nº 4: Na sua opinião, que tipo de competências a Filosofia da arte pode proporcionar ao aluno? Justifique a sua resposta.

Respostas	Frequência	Percentagem %
Competências cognitivas	9	36%
Competências culturais	9	36%
Competências sociais	7	28%
Total	25	100%

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

A quarta (4) pergunta da pesquisa é: Na sua opinião, que tipo de competências a Filosofia da arte pode proporcionar ao aluno? Justifique a sua resposta. Relativamente a esta afirmação, nove (9) alunos o correspondente a 36%, afirmaram que a Filosofia da arte proporciona competências cognitivas ao aluno. E deste total, oito (8) deles ou 89% comentaram por inscrito o porquê da sua escolha; com igual número e percentagem, também temos outros que argumentaram que a Filosofia da arte capacita ao aluno conhecimentos culturais. Dos nove (9), oito (8) alunos o equivalente a 89% fundamentaram por inscrito; por último temos outro grupo de sete alunos, ou seja, 28% descreveu que a Filosofia da arte proporciona competências sociais, e deste número cinco (5) alunos ou simplesmente 71% também fundamentou por inscrito, tentando explicar ou argumentar até que ponto a Filosofia da arte pode proporcionar maior

conhecimento ou competências sociais. O resultado obtido com base a esta afirmação, declara a necessidade de se investigar cada vez mais temas ligados a arte nas diferentes vertentes sociais.

Compreendendo que os ares culturais e sociais estão intrínsecos na arte de uma dada sociedade, é necessário que ao apresentar, analisar e refletir sobre esta arte se atente a realidade socio-cultural nela balizada. Esta verdade globalizada é válida para a arte de toda cultura e é logo, imprescindível que se averigüe a situação produtiva além do produto (Arboleya, 2008).

Quadro 6. Concernente a pergunta nº 5: Além da Filosofia, também pode existir uma estreita relação entre:

Respostas	Frequência	Percentagem %
Arte e ciência	9	36%
Arte e economia	6	24%
Arte e religião	8	32%
Arte e política	2	8%

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

A quinta (5) pergunta da pesquisa é: Além da Filosofia, também pode existir uma estreita relação entre: quanto a esta afirmação, a opção (a) foi a mais escolhida com nove (9) alunos, o correspondente a 36%; depois temos a alínea (c) com oito (8) alunos, ou seja, com 32%; em seguida com a alternativa (b) com seis (6) alunos, o equivalente a 24%; e por último temos a opção (d) com apenas dois (2) alunos, ou simplesmente com 8%.

A reactividade constatada nas respostas dos alunos, alimenta ainda mais a nossa certeza poder enquadrar a arte em quase todas as actividades praticadas na vida social.

A unicidade da ligação existente entre arte e outros campos da acção social, é um aspecto com o qual a arte-educação necessita rapidamente conhecer a lidar.

Investigações podem difundir dados antropológicos, sociais, religiosos, econômicas ou mesmo políticos e divulgações reactivamente a realidade da cultura, ao educador cabe um papel irrefutável que pode operar totalmente e venha a se tornar mais fortemente argumentativo (Revista África, 2008).

A **sexta (6)** pergunta do inquérito foi: Que comentários tens a respeito desta temática?

R: Relactivamente a pergunta ligada ao nosso tema que é: Análise filosófica da arte africana como função social, a maioria dos alunos, ou seja 23 alunos o equivalente a 92%, acharam o tema como sendo muito bom e bastante pertinente, pela sua abrangência teórica. De um modo geral, eles descreveram o tema como sendo um incentivo a exaltação cultural, histórico-filosófico e sócio-económico dos povos africano.

Para Ana. Barbosa (1996), a posição política e conceptual do ensino de arte deve arrecadar o aluno como sábio em criação, o que a arte na escola particularmente deseja é formar o conhecedor, fluido e descodificador da obra de arte. Faz-se indispensável contudo, que essa disposição seja activada a partir de asserções muito reactivistas além da origem e função da arte, fazendo do ensino de arte uma porta para o saber e o reconhecimento da capacidade técnica e da estética de cada cultura.

CONCLUSÃO E SUGESTÕES

CONCLUSÃO

Tendo cerrado com a abordagem do tema sobre “Análise da arte africana como função social” não quer dizer que tenhamos esgotado com todos os conhecimentos virados nesta vertente, quer seja no ponto de vista da literatura assim como de reflexão. Mas também é caso para se dizer que deu-se mais um passo de incentivar para todos aqueles que pretendam buscar melhor conhecimentos ligados ao campo da arte, cultura e filosofia africana. Findo o percurso, vale aqui destacar algumas alíneas que conduziram o nosso trabalho:

- Desde sempre a arte fez parte da vida do homem, tal como afirmou Hegel, ela faz parte do primeiro estágio das actividades intelectuais do ser humano. A arte começou a ser abordada sob o ponto vista estático no século XVIII, o que revolucionou completamente este conceito e, mais tarde conduziu esta actividade para a Filosofia enquanto teoria da sensibilidade;
- Certamente, há muito que se diga a respeito do tema. Desta feita, o nosso trabalho oferece uma ampliação positiva para aqueles que pretendem aprofundar seus estudos nesta área do saber, particularmente, no que concerne à análise filosófica da arte africana como função social;
- O estudo da arte é um dado bem adquirido. Portanto, não há dúvidas em afirmar que os estudantes obteriam grandes conhecimentos, que de certa forma contribuiriam para alavancamento das actividades artísticas feitas dentro e fora do continente africano para o resto do mundo.

SUGESTÕES

Com base aos resultados obtidos e da relevância do tema, reactivamente a análise filosófica da arte africana como função social, tema este que está ligado às cadeiras de Cultura e Filosofia Africana e de Estética, sugerimos o seguinte:

- As pesquisas ligadas a análise da arte não tem sido muito bem exploradas sob o campo de vista filosófico tal como se tem feito em outras áreas do saber. Portanto, sugere-se que se implemente uma cadeira que trata da arte desde o ensino de base até os níveis superior de modo que se saiba o verdadeiro valor da arte;
- Sugerimos que apare de outros saberes, os estudantes de filosofia também criem hábito de leitura dos conteúdos que retratam sobre a arte, particularmente a arte africana, visto que isso irá contribuir para uma maior concepção histórica e lógica do saber fazer;
- Por último, sugerimos que o ISCED-Huíla em consonância com o ministério de tutela, implementem o curso de Belas Artes. Isso poderá impulsionar e elevar os fazedores das artes à um lugar de destaque. E por outra, que os artistas em parceria com as faculdades, promovam mais debates, palestras e workshops de modo que contribua na economia do país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIBLIOGRAFIA

- Abdalla, C. A. (2005). Estilos, escolas e movimentos. Brasil, São Paulo: Cosav & Naify;
- Abdalla, A. C. (2005). In Heitor dos Prazeres. Um pierrô apaixonado na BM & F. São Paulo: Brasil;
- Arnold, H. (1972). História social da literatura e da arte. São Paulo: Brasil. 2ª edição;
- APA. (2006), Referências Bibliográficas: Normas da APA, 6ª edição;
- Araújo, E. (1988). A mão afro-brasileira: significado da contribuição artística e histórica. São Paulo: Brasil;
- Azikiwe, Nnamdi (1969), Renascent Africa. London, Cass;
- Azombo-Menda, S. et Enobo-Kosso, M. (1978) Les Philosophes Africains par les Textes, Paris, Nathan Afrique;
- Anwezor, O. (2009). Chika contemporary african art since;
- Arnoldi, M. J. (1996). Kris african material culture. Bloomington: India;
- Balandier, G. (1976). Dinâmicas sociais. Sentido e poder. São Paulo: Brasil;
- Barata, M. (1957). A escultura de origem negra no Brasil. Arquitetura contemporânea. Rio de Janeiro: Brasil;
- Barcelos, N. A; Abreu, C; Ferreira, F. C. (2007). Revisões antropológicas. São Paulo: Brasil;
- Berringer, T. (1998). Colonialism and the objecto empire. Material culture and museum. London: Inglaterra;
- Batista, M. R. (2004). Religião e magia, música e dança cotidiana. São paulo: Brasil;
- Bevilacqua, J. R. S. (2015). Da África em artes. São Paulo: Brasil;
- Biebuyck, D. (1969). Tradition and creativity in tribal art. University of Califórnia. EUA;
- Cândido, A. (1980). A literatura e a vida social. In literatura e sociedade: Nova Iorque;
- Caygil, H. (2000). Dicionário Kant;
- Chika, O. A. (2009). Contemporary African Art Since;
- Dempsey, A. (2003). Estilos, escolas e movimentos. Tradução: Carlos, E. M. M. São Paulo: Brasil;
- Ferreira, A. O. (1990). O carácter racional de estética em Hegel. São Paulo: Brasil;

- Fischer, E. A. (1979). A necessidade da arte. Rio de Janeiro: Brasil, Zahar Editores;
- Gonçalves, M. (2001). O belo e o destino. Uma introdução à filosofia de Hegel. São Paulo: Brasil, Loyola;
- Hegel, G. W. F. (2001). Curso de estética I. São Paulo: Brasil;
- Inwood, M. (1997). Dicionário Hegel. Rio de Janeiro: Brasil;
- Jolie, A. B. (2008). Catálogo da exposição. São Paulo: Brasil, Museu afro-brasileiro;
- Junge, A. (2004). Arte da África (catálogo da exposição). São Paulo: Brasil;
- Kant, I. (1993). Crítica da faculdade do juízo. Rio de Janeiro: Brasil;
- Leite, J. T. (1988). Pintores negros dos oitocentos. São Paulo: Brasil;
- Moura, C. E. M. (1899). A travessia da Kalunga Grande: três séculos de imagens sobre o negro no Brasil;
- Modigliani, A. (1980). In gênios da pintura. São Paulo: Brasil;
- Fisher, E. (1979). A necessidade da arte. Rio de Janeiro: Brasil. Zahar editores;
- Jolie, A. B. (2008). Está vivo ainda lá (catálogo de exposição). São Paulo: Brasil;
- Jung & Piter. (2004). A arte da África. Centro cultural banco do Brasil. São Paulo: Brasil;
- Mauss, M. (1974). Sociologia e Antropologia. Paris: França;
- Meneses, U. T. B. (1998). Memória e cultura material. Rio de Janeiro: Brasil;
- Munanga, K. (1983). Antropologia africana: mito ou realidade. São Paulo: Brasil;
- Neyt, F. (1959). La grande statuare hembra du Zaire;
- Namolo, G. (2016). O homem e o fenômeno cultural;
- Marcondes, E. (1994). Art in afro-brazilian religion = Arte e religiosidade afro-brasileira. São Paulo: Brasil;
- Paulo & Tenenge. (2002). Para nunca esquecer, negras memórias. Rio de Janeiro: Brasil;
- Ricardo, T. (1995). Duas introduções à crítica do juízo. São Paulo: Brasil;
- Senghor, Leopold Sédar (1977). Liberté 3: Négritude et civilisation de l'universel. Éditions du Seuil;

OUTRAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alande-A. (1999), Vocabulário técnico de Filosofia ed. Martins Fonte. São Paulo: Dicionário de Língua Portuguesa. (2005), Texto Editores;
- Guetmanova, A. (1989), Biblioteca de estudante. Edições progresso de Moscou;

Marconi & Lakatos (2003), Fundamentos de Metodologia Científica. Brasil, São Paulo. Editora ATLAS S.A;

Pailo. Andrade, Maria Margarida. (2007). Como preparar trabalho para cursos de Pós graduação: noções práticas. São Paulo: Atlas;

Popper, Karl, A lógica da pesquisa científica. São Paul: Cultrix 1993;

Salvador, Ângelo: Domingos, Método e técnicas de investigação científica;

Severino, António Joaquim Metodologia do trabalho científico;

UNESCO. (1993), Proyecto 2000, Internatinal fórum.

ANEXOS



INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO ISCED – Huíla

FICHA DE INQUÉRITO AOS ALUNOS

Caro aluno (a), o presente questionário destina-se a recolha de opiniões para uma investigação, subordinada ao tema: Análise filosófica da arte africana como função social: um estudo realizado junto dos alunos da 12ª classe do Liceu nº 257 (IDA) escola anexa à Arimba (Lubango). O mesmo servirá para a obtenção do grau de Licenciatura no Ensino da Filosofia.

Saiba que, a sua opinião é muito importante para o sucesso desta investigação, e os resultados obtidos, serão tratados de forma anónima e não será avaliada em má ou boa, pelo que agradeço desde já a sua franca colaboração no preenchimento do mesmo.

1. Identificação do aluno (a)

Idade: _____

Género:

Curso: _____

2. Questionário

Para responder marca com um **X** na alternativa que achar correcta e, comentar quando for necessário.

1- No teu curso possui a Cadeira de Filosofia?

Sim

Não

2- Já ouviu falar em Filosofia da arte?

Sim

Não

Talvez

3- Consideras relevante que um aluno (a) da 12ª classe tenha conhecimentos em Filosofia da arte?

Sim

Não

Talvez

4- Na sua opinião, que tipo de competências a Filosofia da arte pode proporcionar ao aluno? Justifique a sua resposta.

a) Competências cognitiva

b) Competências culturais

c) Competências sociais

R: _____

5- Além da Filosofia, também pode existir uma estreita relação entre:

a) Arte e ciência	<input type="checkbox"/>
b) Arte e economia	<input type="checkbox"/>
c) Arte e religião	<input type="checkbox"/>
d) Arte e política	<input type="checkbox"/>

6- Que comentários tens a respeito desta temática?

R: _____

Muito obrigada pela sua colaboração!